

Queridos amigos do Dharma

Esta é uma breve atualização sobre na situação do câncer que estou atravessando. Eu terminei as trinta e sete sessões da radioterapia há um mês e experimentei diversos efeitos colaterais: dores de cabeça, cansaço profundo, dor nas juntas, insônia, etc. Me disseram que em breve eles irão diminuir.

Tenho muita gratidão por todas as boas vibrações que vocês me enviaram. Esses pensamentos amorosos em relação a minha saúde levaram vocês a práticas como Urgyen Menla – Buda da Medicina, a visualização de Padmasambava e a Prece de Sete Linhas. Ao fazer essa prática com a motivação de apoiar todos os seres que estão doentes e sofrendo do desequilíbrio dos cinco elementos é um aspecto poderoso do nosso compromisso pelo despertar coletivo.

A raiz de todo o sofrimento é a ignorância da verdade da nossa situação. Quando estamos nesse desconhecimento, inevitavelmente nutrimos os três venenos aflitivos: o embotamento mental ou a falta de clareza, desejo e aversão. A medida em que começamos a reconhecer como facilmente somos infectados por essas distorções venenosas, podemos usar esse sofrimento para energizar nosso desejo de libertar todos os seres da sua escravidão.

Este fluxo de compaixão necessita ser acompanhado pelo fluxo da sabedoria que surge por ver que todos os fenômenos são destituídos de existência inerente seja quando eles aparentam ser o sujeito sejam quando aparentar ser o objeto. Ver a natureza vazia e ilusória de toda a experiência permite-nos trabalhar pelo benefício dos outros a maneira de um sonho — respondendo ao sofrimento, sem reificá-lo.

Isso aponta para a importância de nos dedicarmos a prática da Guru Yoga do A branco. Se os vários sintomas da toxicidade dos três venenos são enfocados como entidades reais persecutórias, então isso apenas aumenta a delusão da dualidade: ‘isso está acontecendo comigo’. No entanto, por abrir-nos para a nossa intrínseca base aberta usando a Guru Yoga do A branco como um caminho de liberar todas as identificações duais, encontraremos-nos na integridade dos nossos três aspectos. Esses aspectos, abertura inapreensível, luminosidade inapreensível ou clareza e expressão co-emergente inapreensível, são inseparáveis.

Ao descansar na presença lúcida da abertura inapreensível e não-nascida, estamos no imutável aqui e agora. Esse é o Darmatadatu, o lugar da hospitalidade infinita — o único lugar

onde as ocorrências verdadeiramente ocorrem. O passado acontece aqui; o futuro acontece aqui; tudo o que conceitualizamos como presente acontece aqui. Esse aqui e agora imutável está sempre disponível se nos abrimos para ele.

Assim, quando sintomas surgem, como dores, irritações, esperanças e medos, ansiedade e exaustão, nossa prática é deixar o que quer que surja vir e ir. Temos muitos hábitos e tendências de envolvimento e por isso a experiência de ser puxado para dentro do fluxo da experiência reificada irá acontecer uma vez após a outra. Ainda assim, se não rotulamos isso como um 'erro', Podemos começar a ver que essa experiência não tem existência inerente. Gradualmente o hábito de selecionar, organizar e explicar a experiência diminui e a clareza faz emergir a verdade de que 'minha experiência' ou 'essas experiências parecem surgir para mim', não me definem. Nós permanecemos abertos e não-modificados enquanto diversas formas e padrões, cada uma com a sua potencialidade momentânea de ser tomado como um 'eu', surge e passa por si mesma. A abertura da presença lúcida é inseparável da incessante exibição da experiência que auto-surge e auto-desaparece.

Sem bloquear o que quer que surja, não importa quão negativo ou autocrítico, cada surgimento se vai por si mesmo— e isso inclui todos os pensamentos, sensações, memórias, etc que constituem nosso senso de existir como um ser separado. Nossa base aberta é inapreensível e, ao ver isto, a clareza de que todos os surgimentos são não-nascidos na abertura se manifesta e é inapreensível.

Se usamos a breve prática de Guru Yoga muitas vezes durante o dia, por refrescar nosso senso de abertura, Podemos ver que tudo o que surge já é inseparável da abertura, seja quando surgem como aparentemente 'internos': pensamentos, sensações, memórias, etc ou 'externos' como árvores, pessoas, casas, etc. Nessa direção, não somos limitados pela diversidade ilusória das formas que vem e vão. Participamos no diálogo não-dual, co-emergente com as formas em transformação do campo que fazemos parte. Não começamos desde o 'eu, mim', mas desde a nossa inapreensível abertura livre de uma identidade fixa. Nossa abertura, clareza e participação nem são três aspectos separados nem um único fato unificado. É vital tentar não agarrar o mistério da presença com os ganchos dos conceitos familiares. Relaxe, solte, confie, abra— tudo está bem.

Então, se vemos que estamos em nossas camas, deitados, sem energia para nos mover, isso não é mais uma restrição, mas funciona para permitir a completa lucidez da

liberdade inapreensível: liberdade da existência e não-existência; liberdade da identidade separada; liberdade como presença simples; liberdade para repousar na presença que não se envolve; liberdade na luminosidade do surgimento.

Contudo, se permanecemos na tensão dual, podemos nem nos abrir para a abertura nem fruir da luminosidade ou inapreensibilidade da experiência. Então, focamos na experiência de ser alguém comunicando com outros alguém, e assim organizar algumas coisas em configurações nas algumas-coisas que conhecemos. Ao viver neste pequeno campo de força de reificação e identificação, somos efetivamente cortados da nossa própria base sempre-aberta. Portanto, é vital abrir-nos para abertura e evitar o erro de tentar pensar nosso caminho para fora do samsara.

Quando mantemos nossa prática, nutrimos a essência vital da nossa sanga tão levemente organizada. Mesmo quando eu estive não-disponível por um tempo, mantive todos vocês em minha prática.

Com amor e meus melhores votos

James